

PELA DESCOLONIZAÇÃO DO TEATRO-EDUCAÇÃO:
Aprender a Aprender Com os Povos Originários da América Latina

Juma gitIRAna Marruá da Selva e Piratininga X teve que mudar de nome por perseguições a ela na internet, perseguição violenta e muitas ameaças por conta de uma performance realizada, segundo ela, anti-catequética. Lígia TRANSicionou, e TRANSiciona dia-a-dia. Alguns povos originários tem a tradição de se “rebatizar” em distintos momentos da vida. Assim virei Juma, a mulher que vira onça da teledramaturgia da década de 90 que assistia quando criança e da vida vivida no Pantanal quando adulta, Juma é uma encantada da mata, semelhante a uma curupira, na cosmogonia de alguns povos originários amazônicos e também é um povo originário reistente dessa mesma região. GitIRAna é uma trepadeira, erva usada relacionada a banhos no ritual da Jurema e IRA é mel em tupi, um grupo separatista europeu (pra provar que não tenho nada de contra os europeus e sim à hegemonia) e também um sentimento recorrente em mim, que precisa ser organizado junto à outres companheiros que também o sentem, o que os zapatistas denominam de “digna raiva”. Marruá é a vaca que debanda do gado e passa a viver como selvagem na mata. Da Selva, porque meu pai adotivo, que eu considero como meu pai é “só mais um Silva” mas brilha em homenagem no meu coração. Piratininga porque é o nome tupi da região que nasci e cresci, a quarta cidade brasileira com o maior número de indígenas do país, São Paulo. X porque aprendi com Malcolm X que ancestralidade não tem a ver com um passado a se resgatar, mas um futuro a ser inaugurado. Não sei de que povo originário descendo, minha ancestralidade é sem origem, mas meu futuro será desenhado desse presente em que luto contra o sistema político-econômico colonial, este que apagou minha origem.

Este artigo busca compartilhar a pesquisa de doutorado que desenvolvo atualmente, que, enquanto conteúdo pretende continuar minha pesquisa, iniciada no mestrado (e muito antes dele) em relação a imagens da luta dos povos originários do Brasil, que envolvem algum tipo de representação, contra os processos colonizatórios, em curso há mais de 500 anos, que prevêem sua (nossa) total extinção. Para dar conta de tal conteúdo de pesquisa, é necessário uma certa revisão da forma de fazê-la. Se aprendemos com Hegel (via Peter Szondi) que forma nada mais é que um “conteúdo enformado” pesquisaremos também, então, uma forma de pesquisa e compartilhamento público da mesma que vá de contra a esses mesmos processos colonizadores. Assim, proponho outras formas de apresentação do material a ser pesquisado, uma espécie de “anti-tese” já que, em minha pesquisa de mestrado, notei que a forma “escrita acadêmica” está historicamente intimamente ligada com os violentos processos coloniais, a saber: um pequeno livro de imagens luta dos povos originários compreendida entre 2013-2018, inspirado no modelo de ação proposto por Bertolt Brecht em seu livro ABC da guerra; um documentário com o ponto-de-vista sobre o corpo, o simbólico, a luta das lideranças dos povos originários do Brasil que aparecem nas imagens que coletei no mestrado e que formarão o ABC da luta dos povos originários; confecção e publicação de textos em periódicos na área das artes cênicas; perfo-palestras apresentadas por mim durante o processo e também um processo artístico-pedagógico baseado nesses materiais, em escolas estaduais indígenas aonde os riscos de aniquilamento desses povos originários são altos e também junto a não-indígenas, principalmente estudantes de cursos de Artes Cênicas no Brasil. Parte da “anti-tese” também se dá com a criação de estratégias de fortalecimento financeiro da luta dos povos originários com a utilização da arte para tal fim.

This article seeks to share the doctoral research that I develop today, which, while content intends to continue my research, started in the masters (and long before it) in relation to images of the struggle of the native peoples of Brazil, involving some kind of representation, against the colonial processes that have been going on for more than 500 years, which predict its (our) total extinction. In order to account for such research content, a certain revision of the way of doing it is necessary. If we learn from Hegel (with Peter Szondi), which is nothing more than a “formed content”, then we will also search for a form of public research and sharing that goes against these same colonizing processes. Thus, I propose other forms of presentation of the material to be researched, a kind of “anti-thesis” since, in my master’s research, I noticed that the “academic writing” form is historically closely linked with the violent colonial processes, namely: a small picture book fighting of the native peoples between 2013-2018, inspired by the model of action proposed by Bertolt Brecht in his book ABC of war; a documentary with the point of view on the body, the symbolic, the struggle of the leaders of the peoples originating in Brazil that appear in the images that I collected in the masters and that will form the ABC of the struggle of the original peoples; confection and publication of texts in periodicals in the area of the scenic arts; lectures presented by me during the process and also an artistic-pedagogical process based on these materials, in indigenous state schools where the risks of annihilation of these native peoples are high and also with non-Indians, mainly students of courses of Performing Arts in the Brazil. Part of the “anti-thesis” also happens with the creation of strategies of financial strengthening of the struggle of the native peoples with the use of the art for that purpose.

Aos 49 minutos do filme colombiano *O Abraço da Serpente* (2015), dirigido por *Ciro Guerra*, ambientado na região amazônica no início do século passado, o personagem do etnólogo alemão *Théo* (*Jan Bijvoet*) revela, nas águas do rio, a fotografia do xamã indígena *Karamakate* (*Nilbio Torres*). O fotografado pergunta: “- O que está fazendo?”, e o diálogo segue com a resposta do pesquisador europeu:

T - Preciso guardar.

K - Mas sou eu.

T - Não é você. É uma imagem sua.

K - Como um *chullachaqui*?

T - Um, o quê?

K - Um *chullachaqui*, todos temos um *chullachaqui*. Ele parece conosco mas é vazio, oco.

T - Isso é uma lembrança de momento que passou.

K - Um *chullachaqui* não tem memória. Ele só vaga pelo mundo, vazio, como um fantasma, perdido num tempo sem tempo. Vai mostrar meu *chullachaqui* ao seu povo?

T - Só se você deixar.

K- (Rí e entrega a foto para ele).
(GUERRA, 2015)

Em minha pesquisa de mestrado, defendida em agosto de 2016, elaborei um arquivo com a reunião de imagens exclusivamente coletadas na internet e informações sobre a luta recente dos povos originários do Brasil contra os processos colonizatórios ainda vigentes.

Na minha opinião, tais imagens, escolhidas por mim por apresentarem o uso de uma certa representação e performatividade por parte dos representantes e lideranças de diversos povos originários, poderiam vir a “ensinar” tanto trabalhadores da cultura e artistas interessados em lutar contra a colonização através da implicação simbólica (e real!) de seus corpos tanto estudantes do ensino médio de escolas indígenas brasileiras que tem pouco acesso à internet e à formas de luta de outros povos originários.

Apesar de ter percebido, em minha pesquisa, que a forma arquivo, coleção, biblioteca é uma forma de produção e armazenamento do conhecimento criado por europeus e que estaria aqui, em posição diametralmente oposta à forma tradicional de produção, armazenamento e difusão do conhecimento dos povos originários do Brasil, adotei essa forma com a crença de que esta produção possa vir a ensinar algo (assim como me ensinou), do conhecimento acumulado pelos

povos originários às pessoas não-indígenas e indígenas, artistas ou não-artistas.

Na cena final do filme supracitado o xamã diz a outro pesquisador alemão: “achei que minha missão era ensinar a meu povo, mas eu estava errado, eu deveria ter ensinado vocês” (GUERRA, 2015). Assim a referida pesquisa foi uma tentativa de auto-aprendizado, de uma mestiça (meio branca, meio indígena), auto-declarada indígena em contexto urbano, buscando compartilhar o que aprendeu com outras pessoas.

No entanto, eu, apesar de ter assumido essa forma de mostrar o trabalho até aqui, sabe que este carece de mais aprofundamentos, mais pesquisa e mais lapidações e, sobretudo, de mais vozes para sua composição. Apresentei essas deficiências na conclusão da minha dissertação de mestrado e minha banca de avaliação presente sugeriu que eu transformasse esses pontos em uma nova pesquisa acadêmica, agora, de doutorado.

Tais deficiências começam com a falta da coleta das vozes dos próprios povos originários falando e comentando sobre suas próprias ações. Ou seja, o próprio acionista relatando o modo de produção de suas ações, seus objetivos, suas considerações às imagens criadas por fotógrafos a partir de suas ações e sobre como a imprensa divulga essas imagens

e informações. Ou comentários sobre o ativismo virtual indígena ou da apropriação dessas imagens por outrem e sobretudo, se veem sentido e necessidade desse trabalho aqui empreendido e como ele poderia ser mais útil para a luta. Buscarei, nessa nova pesquisa, encontrar e entrevistar os representantes dos povos originários que aparecem nas imagens e que a imprensa que divulga essas imagens não cita muitas vezes nem o povo a qual pertence, quanto mais o nome. Dessas entrevistas procurarei elaborar um vídeo em parceria com esses entrevistados e trabalhadores indígenas do audiovisual (que muitos deles são conhecidos e parceiros) tão somente com os pontos-de-vista sobre corpo, representação, simbolismo, luta, artes cênicas desses entrevistados.

Também considerei deficiente a forma como o material coletado foi organizado. Neste projeto de pesquisa, gostaria de fazê-lo baseando-me, como modelo de ação (para ser suprassumido), no Krigsfiebel (ABC da guerra) de Bertolt Brecht, até como forma de refuncionalizar a forma de apresentação dos produtos da pesquisa

acadêmica e considerando que possa ser um material mais adequado para uma circulação mais democrática da pesquisa já que ela se dá por imagens a ser impresso de forma barata e distribuída aonde as pesquisas acadêmicas não costumam chegar: as próprias comunidades dos povos originários.

Entre 1938 e 1944, o teatrólogo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), desenvolveu uma publicação que chamou ABC da guerra. Tal publicação consistia na compilação de imagens recortadas dos meios de comunicação gráfico existentes (em geral jornais e revistas) e da propaganda, da época da Segunda Guerra Mundial, acompanhadas, cada imagem, por um epigrama, um pequeno texto em quatro versos. Brecht escreveu que a função dos epigramas seria “fazer falar as imagens” (BRECHT, 2004, p.11).



En las costas españolas, cuando salen del baño,
Las mujeres suelen encontrar en los acantilados
Petróleo negro en piernas y brazos:
Últimos vestigios de los barcos hundidos



Suenan las campanas y retumban las salvas.
¡Dad gracias a Dios como asesino y como Cristo!
Nos dio fuego para atizar el fuego.
Oíd: el pueblo es chusma, Dios es fascista.

Digitalização das páginas 19 e 21,
respectivamente, do livro ABC de la guerra
(2004), de Bertolt Brecht

Se seguíssemos as pistas de Brecht no trabalho acima citado, os epigramas assumiriam um lado da luta (no caso dele, contra o nazismo-capitalismo) tomando partido contrário ao objetivo associado às imagens no meio jornalístico como por exemplo, a heroicização de assassinos (BRECHT, 2004, p.11). Além disso é importante conjugar distintas imagens e informações, para que o cotejo delas, distintas e às vezes opostas, possam criar novos sentidos comunicativos, pensados a partir da responsabilidade social do artista ao expor os seus produtos.

Ao me defrontar com o conteúdo do livro de Brecht e também dos textos de seus comentadores (como no caso do filósofo francês George Didi-Huberman no livro *Cuando las imagenes toman posición*) percebi que não poderia basear-me em seu modelo de ação de “fazer a arte falar” para a apresentação de minha dissertação de mestrado porque, segundo o que deduzi de seu modelo de ação, um dos principais elementos necessários para tal projeto teria a ver com encontrar imagens e textos jornalísticos que pudessem trazer outras dimensões, em geral contrárias, para a experiência imagética que aqui selecionei. Ou seja, para pensarmos num ‘ABC da luta dos povos originários’ também precisaríamos das imagens que definam contra o que lutam

os povos originários. E não foi possível coletar essas outras imagens durante o tempo disponível para uma pesquisa de mestrado. Além disso também seria necessária uma crítica imagética à própria forma de aparição dessas imagens no tecido virtual ou seja, como são noticiadas essas ações em suas diferentes (e antagônicas) fontes jornalísticas e sua repercussão.

Digamos que, o que apresentei, foi a exposição de uma parte de um material necessário para empreender um projeto como o de Bertolt Brecht. Essa ‘parte’ seria a seleção de algumas imagens de ações dos povos originários, envolvendo, em sua maioria, o uso do corpo em situações representacionais, como estratégia de luta por suas causas, numa imbricação entre ‘simbólico e real.

Na dissertação do mestrado me baseei na experiência brechtiana quando coletei (recortei) imagens e informações-imagens e as emoldurei aqui sob um tema, uma perspectiva sobre a luta dos povos originários, que possui um modo de ver que se aproxima do modo como eles encenam em imagens (corporais) suas lutas.

Tais imagens estão espalhadas no tecido virtual, no mar da história. O que tentei fazer aqui foi criar uma maneira de mantê-las disponíveis, “congelá-las”, antes que estas imagens sofressem dissipamento nas redes sociais e na rede virtual como um todo. Ao congelá-las e colocá-las uma com as outras, lado a lado, várias imagens com uma mesma taxonomia evito a dispersão natural que ocorre nesses veículos.

Assim, neste processo de doutoramento, gostaria de me debruçar sobre esta metodologia de “organização” e cotejo de imagens proposto por Bertolt Brecht para propor uma nova “propaganda política” a partir das imagens já coletadas da luta dos povos originários recente. Ainda gostaria, como parte da pesquisa, de submetê-la a grupos de jovens indígenas, sobretudo os que residem nas áreas com o maior índice de suicídio indígena do Brasil: na região sul do Mato Grosso do Sul os índices são alarmantes - 60% dos suicídios entre indígenas do país* são de jovens dessa região. Eu morei por dois anos no Mato Grosso do Sul, inclusive na cidade de Dourados, aonde se encontram a maioria desses jovens.

Acredito que um material circulável, fruto do acúmulo de saberes de vários povos originários, possa colaborar com a difusão de técnicas e da ideia de luta por melhores condições de existência entre os jovens indígenas, gerando

* Que por sua vez representam 1% do total de suicídios do país sendo que sua população corresponde a apenas 0,4% da população - dados do Mapa da Violência/2014.

esperança e perspectiva de futuro diferente do que foram submetidos pelo povo da mercadoria. Assim, gostaria de tratar um pouco sobre a metodologia a ser adotada nas oficinas artístico-pedagógicas a ser realizada neste processo de doutoramento. Pude testar algumas hipóteses pedagógicas, que gostaria de aprofundar junto a jovens estudantes da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pascoal Leite Dias situada na Terra Indígena Terena Limão Verde (Aquidauana/MS) onde realizei uma residência artístico-pedagógica chamada “Nós somos a crise”, contemplada pelo Prêmio Mais Cultura nas Escolas (MinC/MEC), entre agosto de 2014 e junho de 2016.

Não me atarei em descrever todo o processo, mas apenas em mostrar, resumidamente, alguns de seus resultados. Em 11 de novembro de 2015 foi organizada pela APIB mais uma Mobilização Nacional Indígena contra a PEC 215, através de atos realizados em todo o país. Em apoio, o professor de história e sociologia da escola,

Valdevino Cardoso Gonçalves, realizou junto aos estudantes, uma ação-imagem em apoio a esta mobilização nacional. Esta imagem chegou a mim no meu feed de notícias da rede social Facebook via compartilhamento da mesma pela página pessoal do Facebook do referido professor.

Estudantes da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pascoal Leite Dias (Aquidauana/MS, novembro de 2015). Fotografia: Valdevino Gonçalves Cardoso



Como eu já estava desenvolvendo a pesquisa de mestrado propus ao professor Valdevino e aos jovens (não me atarei a compartilhar toda a metodologia empregada para tais fins) que seguissemos pesquisando a produção de imagens-apoio, dessa vez, ao XIII Acampamento Terra Livre (ATL), encontro entre diversos povos originários realizado entre 10 e 13 de maio de 2016, em Brasília. Como fonte de inspiração mostrei as imagens apresentadas no capítulo anterior desta pesquisa.

Assim, vimos juntos, com a ajuda de um projetor, as imagens que eu vinha coletando e discutimos sobre cada uma delas. A

discussão sobre as imagens foi, sobretudo, mediada por Valdevino que esteve em diversos atos e manifestações pelos direitos dos povos originários tanto em Brasília quanto em outras localidades do Brasil. Depois nos dividimos em três grupos, entre estudantes e professores e, inspirados pelas imagens que tínhamos acabado de ver e discutir, propus que criássemos (dialogando com essas imagens, criando a partir delas) nossas próprias imagens, a partir de nossas

Estudantes da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pascoal Leite Dias (Aquidauana/MS, maio de 2016). Fotografia: Sandriane Soares de Souza



condições e inquietações, em apoio ao ATL. Vale dizer que desde o início foi acordado que escolheríamos juntos as imagens e que a função primeira delas seria que circulassem na rede virtual como forma de apoio e conexão, ainda que virtual, à luta que estava sendo realizada em todo Brasil. Como Valdevino é militante indígena e colaborador da Rádio Yandê, a primeira rádio online indígena do Brasil e eu, por conta da pesquisa, tenho agregados ao meu perfil do facebook várias páginas e perfis ligados à luta indígena e ao ativismo virtual do mesmo,

enviamos essas imagens para tais redes de difusão de imagens e informações (além de as compartilharmos em nossos perfis individuais e no perfil da escola). Então, tais imagens circularam na rede virtual na semana que seguiu o ATL, já que as foram realizadas entre os dias 12 e 13 de maio:

Circulação no Facebook das imagens produzidas na Terra Indígena Limão Verde (Aquidauana/MS) em apoio ao ATL/2016. Fonte: Imagens de tela captadas do meu perfil do Facebook.



Gostaria de aprofundar esta metodologia para desenvolver as oficinas junto aos estudantes das Escolas Indígenas de Ensino Médio em locais de etnocídio galopante. Para a realização do registro audiovisual, tanto na metodologia de captação quanto em sua edição, pretendo me inspirar metodologicamente nos cineasta Eduardo Coutinho e Vicente Carelli. A escolha pelo primeiro cineasta é pela relação que este trava em seus filmes entre ficção e realidade, entre forma inventada e forma documental, que acho que pode contribuir para uma pesquisa (em artes cênicas) que visa tratar da luta pela sobrevivência dos corpos reais através da luta simbólica/representacional/performativa.

Escolhi como inspiração metodológica o segundo cineasta por ele ser fundador e atuante há mais de 30 anos do projeto Vídeo nas Aldeias, por todo o Brasil. Em seu último filme, *Martírio* (2016), ele apresenta também uma forma contundente de relacionar passado, presente e futuro dos guarani-kaiowás do Mato Grosso do Sul e de misturar fontes documentais bidimensionais, com relatos, entrevistas, narração e também como problematiza a própria figura dele enquanto homem branco europeu dentro do próprio filme.

Além dessas propostas gostaria de continuar as pesquisas performáticas-psicomágicas que venho desenvolvendo acerca do tema. Se um dos objetivos da pesquisa é uma espécie de auto-formação e também de me inspirar nessa pesquisa para a criação de

novas ações artísticas-ativistas é necessário que as mesmas sejam desenvolvidas sendo elas próprias o fruto de minha pesquisa e não um texto analítico sobre elas. Assim, desenvolverei uma série de ações cênicas em diversos locais que eu passar durante o processo de doutoramento.

Para estas deduzirei minha metodologia da: rua e da minha raiva pela forma de ensino-aprendizagem que nos encontramos e de queimar cadeiras escolares em performances cênicas, deduzo das minhas próprias vivências enquanto mulher que só tem sua força de trabalho enquanto moeda de troca e vale pouco no mercado, das histórias e vivências dxs minhas amigxs indígenas e negras contra a opressão colonial, do meu sangue de menstruação contaminado de sífilis, das minhas antepassadas que foram estupradas e desterradas por homens, brancos, europeus, dos meus sub-empregos, das minhas dívidas, deduzo de ir a manifestações lado

a lado com xs companheirxs do MST, do MTST, do Levante Popular da Juventude, da Marcha Mundial das Mulheres, dxs “parentxs” de diversos povos originários, deduzo da fome que meu pai sentiu no Ceará e da fome que nunca passei e que não quero nunca passar, da fome que as pessoas ainda passam e que eu não gostaria que passassem, do ódio dos homens que amei que me agrediram fisicamente e/ou emocionalmente, do etnocídio dos povos originários aos quais eu pertenço mesmo sem saber de quais povos origino, deduzo do ódio da construção de Belo Monte, deduzo da luta dos povos originários da América Latina, deduzo minha metodologia dos comunicados zapatistas, deduzo das companheiras da pós-pornografia embora eu adote o termo agitpornografia, deduzo do “pessimismo teórico e do otimismo prático”, de pegar ônibus lotado, da “dignidade rebelde”, da “digna raiva” e sobretudo da “ternura radical”, desde o front. Pra finalizar, se um dos objetivos dessa pesquisa corrobora com os ensinamentos deixados pelo filme O Abraço da Serpente (2015) de ensinar os que foram criados junto aos valores dos povos da mercadoria e acreditando que a Universidade, da forma como ainda está erigida, representa o maior polo educacional desse modo colonizador de vida, assim proponho também encontros,

rodas de conversas, oficinas, palestras, etc. junto à estudantes, docentes e funcionários em cursos de Artes Cênicas de Instituições Públicas de Ensino Superior a partir os temas e práticas desta pesquisa e também a escritura e publicação de alguns artigos acadêmicos em revistas especializadas na área das Artes Cênicas, a fim de tentar, desde dentro, implodir algumas estruturas coloniais da Universidade, ainda se utilizando dessas mesmas estruturas. E ainda nesse sentido pretendo criar procedimentos de gestar junto com os colaboradores oriundos de povos originários a bolsa de pesquisa que recebo e/ou criar procedimentos que envolvam a Arte, de alguma maneira, para obtenção de financiamento da luta pelas terras originárias destes povos.

O meu projeto de pesquisa (e uma Outra vida minha) inicia-se com o pedido, realizado por Valdelice Verón, uma das maiores lideranças guarani-kaiowá, a nós, artistas de teatro, na ocasião da performance “A palavra que age” – medida performATIVA #1, que realizamos juntas em Dourados/MS em 2013:

A vida em confinamento é viver sem arte, viver sem sonho, viver sem a terra. A vida em confinamento é fazer viver sem vida, a gente tem que fazer a arte falar, ser artista é fazer a arte falar e a vida em confinamento é matar a arte dentro da gente, é matar a arte dentro da vida do povo kaiowá. Então, viver a arte, fazer arte falar é ser livre e não viver em confinamento. Estar em confinamento: o que é a vida sem sorrir, o que é a vida sem viver, o que é a vida sem a arte de viver a terra, de viver na terra, na terra tradicional do povo kaiowá-guarani. Então, essa forma que nós estamos vendo e nos sentimos muito emocionados porque isso é viver em confinamento, isso é confinamento. Então agradecemos a vocês essa oportunidade, essa pequena oportunidade de ouvir um pouco do nosso canto, do nosso sorriso, que ainda resta para o povo kaiowá-guarani. A gente agradece a todos vocês: e vivam essa arte, todos os artistas. Vocês são artistas que trazem para o mundo ver a tristeza daqueles que não podem falar, o choro daqueles que não podem ser ouvidos, a voz daqueles que já não existem mais, que tombaram na luta pela terra, tombaram na luta por um pedacinho de teto, tombaram na luta pela vida mesmo, em todos os lugares deste mundo, vocês são a voz, a voz do povo é o artista. Agradeço por podermos vir e por poder estar aqui com vocês. (ALMEIDA, 2016, p. 61-62)

Este pedido de Valdelice foi feito a nós em situação performática/ritual, junto à canto guarani-kaiowá, pela palavra corporificada, presentificada.

Ao tentar responder ao chamado de Valdelice,

em “fazer a arte falar”, em minha dissertação de mestrado, compartilho minha caminhada de aprendizagem em como “fazer a arte falar” que foi feita buscando aprender com imagens corporais, ações de povos originários em situações de luta por seus territórios originários junto ao Estado, aonde havia o uso de ferramentas simbólicas para tal, como, por exemplo, quando queimam a imagem de um político na frente do Congresso Nacional, quando enviam por correio centenas de canetas para ajudar a certo político a assinar a demarcação de suas terras e /ou quando embalam o carro de um político anti-indigenista de papel higiênico, dentre muitas outras.

Sendo assim, as coisas mais importantes que aprendi na minha vida nos últimos anos foi através de fontes não-escritas por isso que neste projeto de pesquisa buscarei me relacionar e aprender apenas com “fontes” não-escritas, ou seja, buscarei aprender com pessoas com acúmulos de conhecimentos e naturezas de conhecimentos que não são possíveis de serem registrados num livro, pela forma escrita.

Passei a vida conhecendo o mundo e me formando junto com livros e mais livros e

sou grata pela generosidade de tantas pessoas por registrarem esses conhecimentos e análises antes que o trator do progresso passasse por cima de tudo.

Mas gostaria de propor outra coisa: como seria aprofundar e conhecer deste tema de pesquisa que proponho tão somente por relatos, histórias e oralidade de representantes, lideranças, de diversas idades e de distintos povos originários que conheço pessoalmente e que também virei a conhecer? O que acontece com uma pesquisa acadêmica quando ela é baseada quase que integralmente na oralidade? E como fazer com que esses relatos orais, esses conhecimentos possam ser conhecidos por mais gente? Por isso que escolhi a forma audiovisual como um registro de pesquisa mais adequado aos nossos fins.

Nesse sentido, para a orientação dessa forma de pesquisa, gostaria de ter como co-orientador da pesquisa o Prof. Dr. Casé Angatú Xukurú Tupinambá, sabedor indígena desses caminhos antropofágicos entre forma escrita e não-escrita de se conhecer o mundo.

Esse binômio escrita e não-escrita está aqui disposto como duas formas que poderiam conter em si sistemas políticos-econômicos distintos, em que um estaria para sistemas coloniais e outro para processos anteriores à “Conquista das Américas”, ainda que saiba que para tal dedução seria necessário mais mediações para afirmá-la e binomizá-la

dessa maneira, já que sabemos que outros povos, diferentes dos europeus, utilizavam-se de notações “escritas” em seus sistemas político-econômicos de existência e são totalmente distintos do projeto colonial.

Assim, buscarei aprender com informações, posturas, rituais, práticas, ações, etc., prioritariamente advindas de pessoas dos chamados povos originários que não foram sistematizadas pela forma escrita, ainda que não descarte por completo tal prática.

Referências

ALMEIDA, Lígia Marina de. “Nós fizemos isso para vocês, brancos, saberem que nós existimos!”: imagens de luta dos povos originários do Brasil (2013-2015). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Teatro, Florianópolis, 2016.

BRECHT, Bertolt. ABC de la guerra. España: Ediciones del Caracol, 2004.

GUERRA, Ciro. Abraço da Serpente. Bufalo Films, 2015 (125 min), color. Título original: El abrazo de la serpiente. Disponível em: <<http://www.filmesonlinehd1.com/assistir-online-o-abraco-da-serpente-hd-720p-legendado/#data>>. Acesso em: 05/06/2016.

